



TRAGÉDIA NO SUL

Mortes por leptospirose preocupam autoridades

Óbitos foram nos municípios de Travesseiro e Venâncio Aires. Reaproveitamento de utensílios encontrados no lixo piora situação

» PEDRO JOSÉ*

A confirmação de uma segunda morte por leptospirose no Rio Grande do Sul — em Venâncio Aires, pois a primeira foi no município de Travesseiro — deixou as autoridades federais e estaduais de saúde em estado de alerta. Isso porque, além dos dois óbitos, há 33 registros de infecção pela bactéria e outros 23 casos estão sendo investigados. A lama podre que se acumula em locais nos quais as águas baixaram e a grande quantidade de detrito que se acumula em vários pontos do estado são os habitats ideais para que a doença se dissemine.

A Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul tem feito a recomendação para as pessoas não voltarem diretamente às suas casas e nem para reaproveitarem qualquer utensílio que tenha ficado em contato com a água da enchente. No primeiro caso, a indicação é que, no trabalho de limpeza do imóvel, não haja qualquer contato com a lama e os detritos — daí porque a recomendação de cobrir o corpo com roupas que não possibilitem a exposição da pele, sobretudo as dos pés e das mãos.

Fotos: Henrique Lessa/CB/D.A Press



Autoridades têm visto pessoas buscando objetos, nos montes de lixo, para tentar recondicionar. São restos infectados deixados pela baixa da água

Catadores

No segundo, é porque as autoridades vêm verificando que a população mais carente tem procurado utensílios que possam reaproveitar nos montes de lixo — como roupas, cobertores e colchões —, além de comida impréstatível, jogada fora pelos mercados que estão sendo limpos depois que as águas da inundação baixaram. Nesses casos, tudo deve ser completamente descartado.

“A doença apresenta elevada incidência em determinadas áreas, além do risco de letalidade, que pode chegar a 40% nos casos mais graves. Sua ocorrência está relacionada às condições precárias de infraestrutura sanitária e à alta infestação de roedores infectados. As

Limpeza pesada contra bactéria

A limpeza dos locais invadidos pelas águas contaminadas deve ser feita com água sanitária (hipoclorito de sódio a 2,5%), na proporção de um copo para um balde de 20 litros de água. Depois de removida a lama e os detritos, a Secretaria de Saúde recomenda que se mantenha os alimentos guardados em recipientes herméticos e que não se deixe restos de alimentos — inclusive sobras de ração de animais. Ambiente higienizado e a luz do Sol ajudam no controle da bactéria causadora da leptospirose.

inundações propiciam a disseminação e a persistência da bactéria no ambiente, facilitando a ocorrência de surtos”, adverte a secretária.

A leptospirose se soma a um rol de doenças que as autoridades de saúde vêm monitorando, como tifo, desintéria, influenza, pneumonia e outros males respiratórios, além da dengue — uma vez que o mosquito transmissor costuma se reproduzir na água suja, sobretudo agora que os dias alternam altas temperaturas do meio da manhã ao fim da tarde e madrugadas geladas.

A chefe da vigilância epidemiológica do Rio Grande do Sul, Roberta Vanacor, chama a atenção para o fato de que a população deve estar alerta aos sintomas da doença — como

febre, dor de cabeça, dor muscular (principalmente nas batatas das pernas), falta de apetite e náuseas ou vômitos. Ela salienta que o tratamento contra a leptospirose é eficiente e que as mortes se dão em decorrência de não tomar as medidas médicas necessárias.

Alexander Alberto Toni, especialista na bactéria leptospira, alerta para taxa de letalidade da doença, que foi de 8,2% no ano passado e deve disparar neste ano. O período entre a incubação da doença — ou seja, o intervalo de tempo entre a transmissão, a infecção no sistema sanguíneo humano — a presença dos sintomas pode variar de um a 30 dias. Normalmente, ocorre entre sete a 14 dias após a exposição à lama ou à água infectada.



Doença apresenta elevada incidência em determinadas áreas, que pode chegar a 40% nos casos mais graves. Ocorrência está relacionada às condições de infraestrutura sanitária e à infestação de roedores*

Advertência da Secretaria de Saúde do RS

Temor de colapso no atendimento

» MAYARA SOUTO
Enviada especial

Capão da Canoa (RS) — A saúde está sendo a área do serviço público mais afetada nos municípios que estão acolhendo desabrigados das enchentes que assolam o Rio Grande do Sul. Cidades do litoral norte do estado, que vêm recebendo muitas pessoas, chamam a atenção para a falta de medicamentos e insumos a fim de atender as pessoas em busca de ajuda.

“Era um público não esperado neste momento, é uma emergência, calamidade e a gente teve que se adaptar. Somos solidários, vamos receber todos. Mas levamos para a Secretaria de Saúde do estado a necessidade que temos pelo aumento do uso dos serviços”, advertiu o presidente da Associação de Municípios do Litoral Norte (Amlinorte), João Marcos Bassani.

Os secretários de alguns municípios da região temem que a situação entre em colapso rapidamente. “Estamos recebendo muita gente. Vieram para casa de amigos e, com isso, cresceu a procura pelos serviços de saúde. Estamos atendendo por volta de 400 pessoas por dia nas farmácias municipais, quando o normal são 250”, relata Patrícia Ramos, secretária de Saúde de Imbé, que já recebeu cerca de 5 mil pessoas por conta das enchentes.

Tal cenário não é novidade. Em conversa com o **Correio**, na semana passada, o secretário de Saúde de Capão da Canoa, Tiarlin Abling, “implorou ao estado” que fornecesse mais medicamentos. Ele afirma que a 18ª Coordenadoria do Estado de Saúde remeteu uma “pequena carga” de insumos hospitalares, que impediu a cidade de colapsar. Mas ele classifica a situação como “ruim”.

R\$ 24 milhões para recolher os detritos



Na região do Terminal Parobé, só parte da lama pode ser retirada a máquina

» HENRIQUE LESSA
Enviado Especial
» FERNANDA STRICKLAND
» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Porto Alegre — Agora que as águas recuam na capital gaúcha, emergem os sinais da destruição. Com a lama seca em algumas regiões, o cenário é de montes de entulho — que incluem móveis, eletrodomésticos, brinquedos, roupas e outros objetos inutilizados — que se acumulam nas ruas. O cenário lembra filmes hollywoodianos de catástrofe, acompanhado de um cheiro insuportável. A conta da sanitização, segundo a prefeitura de Porto Alegre, supera os R\$ 24 milhões, mas deve ir a mais de R\$ 100 milhões, dizem os técnicos.

Para coletar esse lixo, o município tem contado com a ajuda do Exército, que disponibilizou

personal e caminhões para ajudar a liberar as vias tomadas por entulhos — que dificultam o tráfego e impedem que muitos voltem para casa por causa do odor de podridão.

De acordo com o diretor-geral do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), Carlos Alberto Hundertmarker, em diversas ruas a camada de lama é retirada por retroescavadeiras, mas, no centro da cidade, com calçadas de ladrilhos e vias de paralelepípedos, a limpeza é manual. Funcionários da prefeitura usam enxadas, escovas e jatos de água para remover a sujeira e limpar prédios icônicos, como a Casa de Cultura Mário Quintana.

“Em áreas tombadas, temos ladrilhos portugueses e estamos escovando toda a lama. Todo o DMLU tem um cuidado ao fazer a

limpeza”, explicou Hundertmarker.

O detrito está sendo removido para um aterro sanitário em Gravataí, cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Receberá cerca de 180 mil toneladas de detrito contaminado.

Se em Porto Alegre o lixo está quantificado, no estado ainda não. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a empresa Max Debris elaboraram uma pesquisa que quantifica os resíduos em todos os municípios gaúchos. Estruturas imobiliárias e industriais compõem a maior parte do lixo a ser retirado.

A pesquisa demonstrou que há cerca de 46,7 milhões de toneladas de detrito. A bacia do rio Gravataí, por exemplo, tem a maior quantidade — são 17,5 milhões de toneladas de lixo. Nesses resíduos, são mais de

400 mil estruturas imobiliárias e industriais.

Segundo a pesquisa, dois picos de geração de resíduo são esperados. O primeiro somará aproximadamente 24 milhões de toneladas de detritos. O segundo virá quando os edifícios e estruturas que ficaram submersas forem avaliados estruturalmente.

O doutor em ciências e ecólogo da Universidade Federal de Rio Grande (UFRG), Marcelo Dutra, salienta que é preciso conter a contaminação do solo pelo lixo. “Tem um risco grande de contaminação do solo e dos corpos hídricos se o descarte não for adequado. Lugares sanitizados, como aterros sanitários, diminui o problema”, afirma.

*Estagiários sob a supervisão de Fabio Grecchi